

Crónica sobre a desconstrução da Lua

ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA*

Também frequentei a Lua nos meus verdes anos em voos próprios da idade e lambi-a em poemas há muito arrumados sem cara de ser vistos por ninguém. Extasiado com o luar das ilhas, lembro-me pelo menos do verso *a estrada que a lua desenhou sobre o mar*. Tempos depois, quando aprendi que a concisão enriquece a linguagem, mudei-o para *a estrada de lua sobre o mar*. Não conhecia outras luas senão a dos Açores, e no entanto achava-a a mais bela do mundo (tenho uma amiga que usa como nome internético “Lua dos Açores”) nas noites em que se desnudava rasgando as teimosas, castas nuvens que forram de chumbo o céu daquelas ilhas.

Muitas eram noites pardas, mesmo assim ela surgia amiúde nas letras das serenatas do nosso reportório juvenil: *A lua nasceu e morreu no além/ a noite surgiu também / faz ó-ó meu amor / Vai dormir e sonhar / deixa a lua sorrir lá no ar*. A lista era longa e nela figurava proeminentemente o delicodocce “Luar do Sertão” importado do Brasil, que cantávamos abrindo as vogais tentando assim namorar a mesma lua dos brasileiros nordestinos: *Não há ó gente, oh não, luar como este do sertão*.

Se a lua nasce por detrás da verde mata
mais parece um sol de prata
prateando a escuridão.

* Universidade de Brown, USA.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7662-3760>. E-mail: onesimo_almeida@brown.edu.

A gente pega na viola que ponteia
e a canção é lua cheia
a nos nascer no coração.

Quem teve a dita de remar de noite num barquito na lagoa das Furnas, acompanhado de uma guitarra e um violão e mais um punhado de vozes jovens a deixarem-se embalar numa serenata – *À luz do luar / O mar é lindo a noite é bela / Desfralda a vela / Remai, remai* – entende bem estas linhas. Os barqueiros do Volga não nos causavam inveja. O *eh-eihah-hem / eh-eihah-hem* deles nada tinha a ver. Os remos recolhiam-se e deixava-se o barco vogar – vogar é como quem diz, porque nem brisa havia. Era ficar-se ali parado em êxtase.

As selectas literárias alimentavam a nossa devoção à Lua. Na aula de Português do padre Coelho de Sousa enlevava-nos “A Lua de Londres”, de João de Lemos, cujos versos ainda hoje trago colados na memória:

É noite; o astro saudoso
Rompe a custo um plúmbeo céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, húmido véu:
Traz perdida a cor de prata,
Nas águas não se retrata,
Não beija no campo a flor,
Não traz cortejo de estrelas,
Não fala d’amor às belas,
Não fala aos homens d’amor.

Meiga lua! os teus segredos
Onde os deixaste ficar?
Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d’além do mar?
[...]

Oh! que foi!... deixaste o brilho
Nos montes de Portugal,
[...]

Eia, pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros céus,

Leva-me, ó lua, contigo
 Preso num raio dos teus;
 Voltemos ambos, voltemos,
 Que nem eu, nem tu podemos
 Aqui ser quais Deus nos fez;
 Terás brilho, eu terei vida,
 Eu já livre, e tu despida
 Das nuvens do céu inglês.

Só já muito adulto, ao ouvir-me evocar nacos desse nacionalismo poético, a Leonor me chamou a atenção para o gozo implícito que desses versos fez Eça de Queiroz n' *Os Maias* quando o Eusebiozinho em criança foi incitado a recitá-los. Na sua corrosiva prosa, Eça – bem, Eça disfarçado de narrador – cita apenas os primeiros quatro versos, precedendo-os deste fulminante golpe de retrato: “abriu a boca e, como de uma torneira lassa, veio de lá escorrendo, num fio de voz, um recitativo lento e babujado” (*Os Maias*, 76). E então, depois dos versos iniciais, acrescenta: “Disse-a toda – sem se mexer, com as mãozinhas pendentes, os olhos mortiços pregados na titi. A mamã fazia o compasso com a agulha do croché; e a viscondessa, pouco a pouco, com um sorriso de quebranto, banhada no langor da melopeia, ia cerrando as pálpebras” (*Os Maias*, 76)¹.

Se Eça me ouvisse recitar o poema também não me pouparia. Nacionalista ou não, ignoro porém como seria a Lua capaz de abrir uma nesga no cerrado céu inglês. De qualquer modo, sabia-nos bem recitar aquelas décimas em desagravo do *Ultimatum* porque os britânicos não podiam ser senhores de tudo. Se se gabavam de dominar um império onde o sol nunca se punha, então deixassem a Lua por nossa conta.

A selecta também incluía “O noivado do sepulcro”, de Soares de Passos; no entanto, a lua dele provocava-nos alergias na pele. *Et pour cause*. Como é que *Vai alta a lua! na mansão da morte. / Já meia-noite com vagar soou* – poderia nas nossas guelras de jovens comparar-se à ternurenta lua de João de Lemos?

Antero de Quental foi pouco açoriano nos seus sonetos, mas as marcas lá estão em versos como “no seio desse amargo mar” e, se calhar no “Nocturno”:

1 Ao ler este texto, a Leonor, a professora de literatura aqui de casa, comentou: “A imágica lunar era, de resto, tão lugar-comum no romantismo que não será por acaso que Alencar, o seu sumo representante n' *Os Maias*, mais de uma vez cita versos seus onde a Lua figura em evidência”. Está visto que a ideia da Leonor era transformar esta crónica *light* (lunática?) num ensaio *comme il faut*.

Espírito que passas, quando o vento
 Adormece no mar e surge a lua,
 Filho esquivo da noite que flutua,
 Tu só entendes bem o meu tormento...

Mesmo em momentos mais solenes – no orfeão do Seminário, por exemplo –, ela figurava, como na “Balada” do picoense Bernardo Maciel que o nosso maestro Edmundo Oliveira musicou:

A lua barca das lendas
 D’uma curva transparente
 Vai, remada pelos anjos,
 No azul do céu dormente.
 ...

Contigo leva a minha alma
 Docemente, docemente...

Na letra da maviosa “Serenata” de Schubert (ainda hoje, sempre que a ouço, ela me eriça a pele) a Lua também surge, se bem que com frágil brilho: *A noite desce e nem uma estrela / vejo acesa nos céus. / Pálida a lua traz a escondê-la / nuvens quais negros véus.*

De Tomás Borba, cantávamos a suave e bucólica, de quase plangente dolência, “Balada”: *Bateram trindades / nas velhas herdades / por essas aldeias / a noite a chegar. / E a lua branquinha / peneira farinha...*

Confesso que não esgotei na adolescência o meu namoro da lua açoriana. A culpa, porém, não é minha. Só já bem entrado em adulto me levaram a vê-la nascer por detrás da rocha da Ferraria, enquanto nos banhávamos na água quente do oceano aquecida por uma caldeira submarina que, com a maré vazia, chega a esquentar perigosamente a ponto de termos de nos afastar para a boca da pequena baía a refrescar-nos nas ondas. Também não fui eu que a coleí deslumbrante no firmamento sobre o canal Pico – São Jorge, numa noite de Agosto a iluminar o caminho ao nosso barco de regresso a São Jorge, depois de um serão de caldeirada com amigos na ilha em frente. Nem houve – garanto – nenhum devaneio juvenil na experiência de cabelos em pé, desta vez em terra firme, sobre o negrume da lava do Pico em alta noite de um Verão ainda recente. Com a Leonor a caminho de Santa Luzia, rente ao mar, pela estrada do Cachorro, a paisagem de basalto negro a prolongar-se reflectindo um mágico

luar de Agosto, a estender-se para o interior da ilha e a erguer-se poderosamente em montanha num manto contínuo até ao alto pontiagudo espetado no céu. Até Vénus, sereno e límpido, parecia nem querer incomodar o cenário. Parámos. Apaguei as luzes do carro, saímos e quedámo-nos voltados para esse perfeito triângulo: a montanha a impor-se majestosa, imponente e sublime, emergindo da lava numa ascese gótica acentuada pela contraluz da Lua Cheia a vincar-lhe o recorte nítido e enérgico. Cenário de vigor pujante amansado por um silêncio imperador. Solene, só não nos esmagou porque nos elevava no etéreo. O Faial aliando-se ao espectáculo, mesmo ali ao lado e, para trás, São Jorge, exibiam-se igualmente sem uma única nuvem. Ilhas nuas, negras também, mas salpicadas de pontos tremeluzindo, gozando em plenitude o luar espreado sobre o canal, feito estrada de branco refulgente. A força magnética do Pico prendia o nosso olhar suspenso. Tivesse Kant sido contemplado com semelhante experiência e tê-la-ia decerto referido quando a custo e infrutiferamente se desunhou na descrição do sublime.

Aconteceu. Calhou. A sorte é assim (curiosamente, a linguagem popular traduziu “sorte” por “nascer de rabo para a lua”). E os sonhos. Em jovem, sonho é futuro. Em velho, sonho é passado longínquo. O sonho é o inesperado, afinal. E pode acontecer em qualquer lugar. O importante é estar-se acordado.

Nunca mais escrevi nada sobre a Lua, porém não deixo de gostar de senti-la presente em poetas de estimação. Na lista, não poderia faltar Vinicius de Moraes, embora no Ipanema ninguém olhe para a Lua porque a vida passa é na rua e na praia. Mas ainda assim o poeta, certamente animado por um copo, deu por ela:

São demais os perigos desta vida
Para quem tem paixão, principalmente
Quando uma lua surge de repente
E se deixa no céu, como esquecida.

E se ao luar que atua desvairado
Vem se unir uma música qualquer
Aí então é preciso ter cuidado
Porque deve andar perto uma mulher.

Deve andar perto uma mulher que é feita
De música, luar e sentimento
E que a vida não quer, de tão perfeita.

Uma mulher que é como a própria Lua:
Tão linda que só espalha sofrimento
Tão cheia de pudor que vive nua.

A meio-açoriana Cecília Meireles foi bem mais longe, chegando a identificar-se com ela:

Tenho fases, como a lua.
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.

Evidentemente que neste rol não poderia faltar Florbela Espanca, que no meu tempo era desdenhada pelo seu expressionismo efusivo e excêntrico, mas hoje goza de altar porque os deuses das letras reconheceram o seu machismo exclusivista e abriram-lhe os portões do Olimpo:

Eu tenho pena da Lua!
Tanta pena, coitadinha,
Quando tão branca, na rua
A vejo chorar sozinha!...

As rosas nas alamedas,
E os lilases cor da neve
Confidenciam de leve
E lembram arfar de sedas

Só a triste, coitadinha...
Tão triste na minha rua
Lá anda a chorar sozinha...

Eu chego então à janela:
E fico a olhar para a lua...
E fico a chorar com ela!...

E Pessoa? Não me recordo dele em contemplações românticas da Lua, nem sequer pelos olhos naturalistas de Caeiro. Ressalta-me apenas a prosaica abertura de um poema assim: “Não tenho pressa: não a têm o sol e a lua”.

Mas basta de poesia. Aliás, nem deveria ter começado a desfiar este novelo sem ler primeiro um livro da Helena Buescu intitulado *A Lua, a Literatura e o Mundo*, de cuja existência só há dias tomei conhecimento. De certeza que nele devem vir referidos todos estes poemas e muitos mais, mas a covid e a sua pandemia não me permitiram encomendá-lo a tempo de o obter e ler antes do prazo de entrega deste texto. Por isso, nada aqui pode ter qualquer jeito de académico. Este encadeado não passa de uma viagem pelos canais das estantes acumuladas na minha memória ao longo da vida (com a ajuda de uma ou outra rusga nas prateleiras dos livros).

Mas voltemos à Lua. É verdade que ela é quase sinónimo de mulher, como no poema de Cecília Meireles, ou como símbolo maior do feminino, contudo a imagem é perigosa porque fica a ideia de luz reflectida, recebida de outrem, o Sol. Tudo isso hoje fez um pino de 180° e virou terreno minado. Noutra escrito, de há três décadas, meti-me com Luce Irigaray, a filósofa francesa que tentou demonstrar o chauvinismo machista da língua no facto de o Sol ser do género masculino por ser maior, enquanto a Lua é feminina por ser mais pequena. Contra-arguntei que por aí o raciocínio claudica, pois o Sol é uma estrela (feminina) e a Lua, um planeta (de género masculino, portanto).

Estava a sério, no entanto a verdade é que com a Lua também se brinca, e é altura de fazer um intervalo pouco poético nesta corrente de consciência. Mergulho de novo nas estantes da memória em cata de outro tipo de experiências acumuladas, onde até figuram, tal qual acontece aqui em casa, livros nunca lidos, como o *Palácio da Lua*, de Paul Auster, pertinho de outro que por sinal li, *O Vale da Lua*, de Jack London. Não possuo nenhum exemplar de *O Rei Lua*, do meu amigo Eduíno de Jesus, mas tenho-o antologiado no seu *Os Signos do Silêncio*. Lá vem a “Toada do Menino Feio” que abre assim:

Menino feio, da rua
(seria eu próprio, seria?),
tinha uns olhos de Lua
onde a Lua se acendia.

O título do livro parece dialogar com Apollinaire, pai do conceito que também inspirou Mário de Sá-Carneiro, todavia isso é conversa a ter com o Eduíno um dia destes. Vamos então ao humor para desanuviar um pouco. Traduzo do

inglês, língua em que o humor com frequência se cultiva encadeado em série a que qualquer um pode acrescentar a sua laracha. “Porque é que a Lua não jantou? Porque estava cheia”. Ou outra versão: “Porque é que os astronautas não conseguiram alunar? Porque a Lua estava cheia”. É acrescentadota a lista: A Lua a explicar ao psiquiatra: “Isto é só uma fase que estou a passar”. O leitor autoriza-me a prosseguir? “Ouviram falar de um restaurante na Lua? A comida era excelente, o serviço simpático, mas o local não tinha atmosfera”. Prometo que vou mudar de registo, porém acrescento mais esta: “Como se chamaria a Lua se saísse da órbita? Lunática”. Ah! E há-as de louras sobre o tema. Duas delas sentadas num banco de jardim à noite contemplan a Lua quando uma delas pergunta: “O que é que fica mais longe? A Lua ou a Florida?” A amiga reagiu irritada: “Tás tonta? Tu vês a Florida daqui?”

Sim, tudo piadas aprendidas nos *States*. A minha favorita já a contei por escrito noutro lugar, contudo não me parece criminoso repeti-la. Estarei apenas a autoplagiar-me. Neil Armstrong levava uma frase preparada para dizer quando pisasse o solo lunar: “A small step for a man; a big step for mankind”. No entanto, foi criticado por não a ter enunciado direito. Mas aparentemente terá murmurado entre dentes algo mais, que passou a constituir um mistério sobre que o astronauta fez disso sigilo. Só nos seus últimos anos de vida revelou o segredo porque as pessoas envolvidas já tinham morrido (não sei se a história é apócrifa, mas *si non è vero, è ben trovato*). Armstrong terá exclamado: “Boa sorte, Mr. Gorski!”

Para os leitores menos familiarizados com o inglês, é necessário explicar que a expressão idiomática “quando alguém andar na lua” (*when someone walks on the moon*) equivale ao nosso “no dia de São Nunca”. Ora bem. Quando Neil Armstrong era ainda uma criança, estava um dia a jogar *baseball* no quintal da sua casa e de repente uma paulada mais agressiva levou a bola para o *yard* dos vizinhos, os simpáticos Mr. e Mrs. Gorski. Foi aninhar-se entre os arbustos e a casa, mesmo junto a uma janela. O Neil atreveu-se a ir em cata da bola e, porque a vidraça estava aberta, ouviu distintamente pronunciada a frase-sentença jorrada em fúria pela senhora Gorski, atirada à cara do marido: “Sexo?! Sexo?! Hás-de ter sexo quando o filho do vizinho andar na Lua!!!”

Sim, humor americano. E se calhar também aquela por mim ouvida nos finais dos anos 60 e contada vezes sem fim como humor portuguesa, mas que depois se me deparou em inglês e, portanto, talvez fosse adaptação. Américo Thomaz, então Presidente da República Portuguesa, em papel de autoridade-para-constar, pois o patrão toda a gente sabia que tinha outro nome rimando com constar, ficou muito impressionado com o feito americano da alunagem.

Então lembrou-se de sugerir ao Presidente do Conselho um projecto capaz de ressuscitar para os portugueses a velha fama de descobridores de novos mundos: “Ir ao sol”. Salazar lançou sobre o PR um olhar de condescendente bonomia: “Mas antes de chegar a meio-caminho o foguetão já estaria derretido!”. Com um sorriso espertalhode, Américo Thomaz revelou-lhe então o segredo do seu plano: “Nós iremos de noite!”.

Chegámos ao ponto onde inicialmente eu tencionava começar esta crónica. Desde o início da década que se falava na ida à Lua, promessa de John F. Kennedy depois da alunagem do Sputnik russo, em 1958. O projecto Apollo a engatinhar, e eu ainda quase imberbe aventurava-me páginas dentro de *À Roda da Lua*, de Júlio Verne, um exemplar velhinho, de capa vermelho-escuro já desbotado, distraidamente solto algures em casa dos meus avós paternos. Quase uma década depois, chegou por fim o momento em que a lua romântica da minha juventude passou definitivamente a conquista científica naquele inolvidável 20 de Julho de 1969. Era noite nos Açores quando eu e o John Mooney (não estou a inventar; chamava-se mesmo assim o amigo americano que fora passar uma semana em minha casa) seguimos com incontido entusiasmo a reportagem pela rádio. (Para quem não sabe ou não se lembra, a televisão só chegaria aos Açores dali a sete anos.)

Verdade seja dita, a partir de meados dos anos 60 já vivíamos todos na lua. O John, americano de cepa irlandesa, nado e criado em Minnesota, e em serviço militar na Base Americana das Lajes, tinha ficado nosso amigo quando um dia, com um grupo de companheiros, apareceu na Sé de Angra a alegrar uma celebração litúrgica com guitarras electrónicas. Para nós, insulares, isolados desde a Idade Média, aquilo soava a algo vindo de outro planeta. Era o culminar de anos de abertura conciliar do Vaticano II, a Igreja a abrir-se ao mundo num arquipélago em que ela se conservara medieval. Nós, jovens embebidos do espírito daquela década de utopias (longe dos exageros dos *hippies* e do *free love* – Salvo seja! Nos Açores?!...), estávamos lançados rumo à Lua, embalados ao som de Joan Baez, Bob Dylan, Beatles, mas também dos nossos Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire – ah! a “pedra filosofal” de António Gedeão musicada por ele a convidar ao sonho de um “desembarque em foguetão na superfície lunar... / Eles não sabem nem sonham / que o sonho comanda a vida...”.

Era todo um universo onírico, de delírio ingénuo e algumas loucuras a galvanizar as nossas almas generosas, empenhadas, crendo que, se era possível chegar-se à Lua, então deveria ser ainda mais fácil criar o mundo novo que as gerações anteriores, patetas e cegas, não tinham conseguido sequer desvendar

ou imaginar. Tinha chegado a nossa vez e íamos de certeza fazê-lo nós. Tanto assim que, em menos de cinco anos, aquela geração embarcou na loucura de concretizá-lo no 25 de Abril.

Não faltavam, é certo, vozes a lamentar a perda da magia poética da Lua. Uma canção-pimba da época era mais que explícita: “*Lua, ó lua, querem te roubar a paz. / Lua que no céu flutua / Lua que nos dá luar. / Lua, oh lua. Lua, oh lua. / Querem te passar pra trás. / Lua, oh lua. / Querem te roubar a paz. / A lua é dos namorados. / Todos eles estão errados. / A lua é dos namorados*”.

Escrevo este arrazoado num tempo distópico. A Lua hoje nem as atenções dos cientistas parece atrair. Marte é esse deserto enorme e inóspito; Júpiter, um monstro gélido. Nenhum deles mexe com o imaginário dos nossos dias. A minha geração nostálgica ainda se lança em arroubos como as 140 vozes de antigos estudantes de Coimbra espalhados por 24 países cantando em coro, via Zoom, “*À meia-noite ao luar / vai pelas ruas a cantar / um boémio sonhador*”. Vai-pelas-ruas é o que diz esse fado, mas na verdade estavam todos confinados ou enjaulados num ZOOMlógico.

Naquele tempo dizia-se que a Lua era mentirosa, pois exibia-se num D quando estava em quarto crescente e num C em quarto minguante. Contudo, era uma mentira doce que nos embalava e transportava para um universo pueril talvez, mas poético à brava. Ainda há dias o José Paulo Cavalcanti enviava-me uma crónica lá do seu Pernambuco. Um amigo dele, ouvindo-o referir o meu nome, lembrou-se logo de um tal Onésimo Gomes que nos anos quarenta (a minha década de nascença) encantara o Brasil com a canção “*Lua branca*”, e ainda agora fazia esse amigo do Zé Paulo morrer de saudade.

Vou resistir. Não quero enveredar por este caminho da nostalgia. Vou olhar para outras galáxias e pensar em milhões de estrelas porque o universo ficou infinitamente maior do que era na minha juventude. Nenhuma galáxia consegue desenhar uma estrada de luz sobre o mar como a lua da minha ilha. No entanto, também já tenho idade de ter juízo e saber que os poemas e os sonhos nascem na cabeça dos jovens para lhes tornar a viagem mais leve. É agora a vez de eles inventarem os seus. Quanto a mim, felizmente, posso ainda deliciar-me visitando-os nas gavetas da memória. E, vá lá, que ainda estão em corredores razoavelmente iluminados, aqui e ali com abertas por onde volta e meia penetra a doce luz do luar.

Bibliografia

OS *Maias*. s.d. Fixação de texto e notas de Helena Cidade Moura. Lisboa: Livros do Brasil.